

# CLUBES DE LEITURA: ENTRE SOCIABILIDADE E CRÍTICA LITERÁRIA

## READING CLUBS: BETWEEN SOCIABILITY AND LITERARY CRITICISM

Willian Eduardo Righini de Souza<sup>a</sup>

### RESUMO

**Introdução:** O Brasil tem ganhado diversos clubes de leitura nos últimos anos, exigindo uma maior atenção da academia para entender esse fenômeno já popularizado na América do Norte e Europa. **Objetivo:** Pretende-se discutir as principais críticas aos clubes de leitura em relação ao perfil dos seus frequentadores, à seleção de livros, aos tipos de leitura, aos modos de interação (presencial ou virtual) e ao papel do mediador. **Metodologia:** Por meio de uma revisão de literatura, comparam-se os argumentos prós e contrários aos clubes de leitura, especialmente em relação ao modelo dominante nos Estados Unidos e Europa. **Resultados:** Apresentam-se os diferentes tipos de clubes existentes (para adultos, escolar, televisivo, virtual, etc.) e apontam-se as suas principais características. **Conclusões:** Um clube torna-se mais eficaz e atraente quando consegue conciliar o prazer com o estudo literário. Para tanto, defende-se a presença de um mediador e algum tipo de roteiro para discussão.

**Descritores:** Clube de leitura. Sociabilidade literária. Mediação da leitura.

### 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos presenciado o surgimento e crescimento de diversos clubes de leitura no Brasil. Em suma, o clube de leitura se constitui pelo encontro regular de um grupo de pessoas para discutir uma seleção de livros; um por vez, quase sempre literatura. Com a popularização da Internet também já é possível encontrar diversos clubes online, permitindo o debate sem a necessidade da realização de encontros presenciais. Contudo, priorizamos a análise dos clubes literários físicos por ser o modelo mais frequente e promover laços sociais mais fortes.

---

<sup>a</sup> Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [wrihini@yahoo.com.br](mailto:wrihini@yahoo.com.br)

Os clubes de leitura são uma tradição anglo-saxônica, existindo milhares deles nos Estados Unidos e Inglaterra. No Brasil, por não serem tão populares nem existirem em número expressivo, não há uma bibliografia satisfatória sobre o tema, o que reforça a necessidade de pesquisas nacionais para entender esse fenômeno. Atualmente, os dois principais clubes brasileiros são o Clube de Leitura promovido pela editora Companhia das Letras e o Leia Mulheres, criado por três paulistanas.

O Clube de Leitura da Companhia das Letras surgiu em 2010, no mesmo ano em que foi firmado um acordo comercial com a editora Penguin, que possui um histórico de incentivo a clubes dos Estados Unidos e Inglaterra. Hoje, são 88 clubes em 25 cidades brasileiras que se reúnem uma vez por mês (COMPANHIA DAS LETRAS, 2017). Já o Leia Mulheres nasceu em 2015 na cidade de São Paulo depois da autora e ilustradora britânica Joanna Walsh lançar a campanha *#readwomen2014* no Twitter um ano antes. Ao observar que mulheres leem mais do que homens, como pode ser comprovado nas quatro edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*<sup>1</sup>, mas que os livros mais divulgados e valorizados são escritos por eles<sup>2</sup>, mulheres de diversas cidades brasileiras decidiram promover a leitura de autoras, criando clubes que leem apenas livros escritos por mulheres. Após o lançamento do primeiro Leia Mulheres na capital paulista, o modelo foi copiado em mais de 45 cidades do Brasil, sendo realizado um encontro por mês entre os participantes de cada grupo (PAIVA, 2017; REZENDE, 2016).

Clubes menores, idealizados por bibliotecas municipais, editoras, associações e grupos de estudo têm se espalhado pelo país, como pode ser verificado em uma busca rápida pela Internet. Aliás, a tecnologia tem se apresentado como uma facilitadora desses encontros, já que muitos grupos possuem páginas no Facebook, Instagram, *sites* e *blogs* que divulgam o livro a ser lido no mês, o local e hora da reunião, além de impressões gerais sobre as

---

<sup>1</sup> As diferentes edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro, estão disponíveis para download no *site*: <<http://prolivro.org.br>>.

<sup>2</sup> Em 115 anos, apenas 14 mulheres receberam o Prêmio Nobel de Literatura. No Reino Unido, após aplicar questionários em 350 clubes de leitura entre 1999 e 2000, Hartley (2002, p. 117) observou que mesmo em clubes exclusivamente femininos liam-se mais autores do que autoras (53% contra 47%).

obras. Alguns também conseguem espaço em *sítes* de prefeitura, jornais locais, entre outros meios de comunicação. Logo, essa pode ser uma das explicações para a expansão de clubes como o Leia Mulheres, ajudando as organizadoras e participantes a compartilhar ideias e sugestões de leitura, divulgar eventos, promover a adesão ao projeto em cidades interioranas e manter o projeto coeso, mesmo que descentralizado.

Ainda assim, conquanto haja avanços, a maioria dos brasileiros sequer sabe da existência desses clubes e há uma grande diferença de quantidade e variedade entre os encontrados na América do Norte e Europa com aqueles do Brasil. Sendo vistos como uma proposta de incentivo à leitura, os clubes brasileiros têm recebido críticas positivas da imprensa. Já na literatura internacional, os elogios aos clubes dos Estados Unidos e Europa são contrabalançados com diversas críticas negativas, bem como se enfatizam os seus diferentes modelos.

Considerando o *boom* dos clubes brasileiros na última década e a pouca reflexão acadêmica sobre esse fato, pretendemos apresentar uma discussão sobre as vantagens e desvantagens desses projetos a partir de uma revisão de literatura e indicar tipos de leitura que podem acontecer nessas reuniões literárias.

## **2 AS MULHERES E A LEITURA**

Se um clube de leitura é formado pela reunião regular de um grupo de pessoas com o propósito de discutir livros, ele não é convidativo aos mais diversos perfis de leitores de maneira igualitária. Praticamente há unanimidade em afirmar que os integrantes dos clubes são, majoritariamente, do gênero feminino, com boa escolaridade e acima dos 30 anos (ALBENGA; BACHMANN, 2015; PRUITT, 2010; ALBENGA, 2011a; ALBENGA, 2011b; HARTLEY, 2002). Segundo Pruitt (2010, p. 124), os clubes serviriam para várias dessas mulheres como um refúgio contra a rotina de donas de casa, as obrigações do casamento ou então um momento de lazer após o trabalho. Em síntese, eles garantiriam um espaço de sociabilidade para pessoas com

características em comum. Outros perfis de clubes surgem quando eles são temáticos, como no caso dos clubes de leitura de homens gays analisados por Pruitt (2010) no estado de Wisconsin, Estados Unidos, ainda que outras características permaneçam similares: são pessoas com mais de 35 anos e de classe média.

A troca literária, enquanto exercício imposto, responde a uma busca de formação permanente, impulsionada pelo desejo de ler mais ou de ler regularmente, à vontade de compensar a falta de estudos ou mesmo aperfeiçoar as competências pedagógicas. Mas esse esforço não tem por único objetivo intensificar uma prática de leitura ou aumentar o conhecimento da produção literária. Ele visa igualmente à descoberta pessoal de novos prazeres literários, à conversa que permite a cada um aprimorar sua capacidade de julgamento da qualidade e da eficiência emocional das obras. Ao forçar o leitor a traduzir em palavras suas impressões sensíveis, afetos estéticos, sentimentos éticos, processos técnicos e desenvolver seu julgamento, a troca literária contribui para a realização do papel da escrita e aumenta a curiosidade por outras obras (LEVERATTO; LEONTSINI, 2008, p. 73, tradução nossa).

Elizabeth Long (2003) observa uma dimensão identitária aos clubes de leitura, configurando-se como espaços nos quais mulheres podem discutir seus valores, impressões e se reconhecer enquanto pertencentes a um gênero historicamente silenciado. Os encontros seriam uma oportunidade para que elas alcançassem um protagonismo negado em diversas instituições sociais. Verifica-se que, em vários clubes, o gênero impõe um direcionamento às discussões e contribui para a criação de vínculos entre as participantes.

Nesse sentido, Barstow (2013, p. 6) identifica pelo menos quatro benefícios que os clubes oferecem: ler obras além de revistas e material de trabalho; conversar sobre leituras com pessoas que possuem diferentes visões de mundo; socializar por meio da discussão de um tema presente no livro e desenvolver laços sociais mais profundos. Mesmo assim, muitos clubes são alvos de críticas por não realizarem uma verdadeira análise da obra escolhida, utilizando-a somente como um gatilho para um bate-papo sobre outros temas (MICHAUD, 2003). Até quando se vincula os diálogos com os tópicos abordados no livro ou se expõe os sentimentos provocados pela obra; a estrutura do texto, as personagens, o paratexto, as referências intertextuais,

entre outros elementos que constituem a obra literária acabam sendo deixados em segundo plano. Barstow (2013, p. 11) afirma já ter presenciado grupos que não discutem o livro por mais do que 15 minutos e logo tergiversam para questões não relacionadas. Essa situação, aliada ao preconceito de gênero presente na sociedade, resulta por alimentar a visão reducionista de que clubes de leitura se limitam a reuniões de mulheres de meia idade que desejam preencher o tempo com conversas banais.

Embora possa se ponderar que esse modelo de clube perde a ocasião de aproveitar o livro em todo seu potencial, realizando uma leitura de melhor qualidade e capacitando os seus integrantes para outras mais complexas e diversas, temos que reconhecer que não deixa de ser válido o pouco interesse em se aprofundar na análise literária e preferir conversas mais dispersas. O livro não deixa de ser relevante, até porque há um esforço para escolhê-lo entre várias opções disponíveis, lê-lo dentro de um prazo estabelecido e compartilhar, por mais breve que elas sejam, experiências baseadas na leitura. Sem o livro, a regularidade dos encontros perde sentido, pois ela é estabelecida em função do prazo necessário para a leitura ser realizada. O que confina este modelo é que ele acaba por se resumir a uma leitura emotiva da obra, focada nos sentimentos que ela provoca. Como não há um controle estrito dos diálogos, uma discussão puxa outra até que a conversa deixa de se relacionar com o conteúdo do texto. De qualquer maneira, se as integrantes estabelecem amizades, se sentem mais felizes, seguras em se expressar em público e estimuladas a manter o hábito da leitura, o texto literário desencadeou um processo e proporcionou benefícios que nem sempre são evidentes e reconhecidos por todos.

Outra crítica recai sobre a seleção dos livros. Segundo Barstow (2013, p. 11), muitos clubes femininos são depreciados por privilegiarem títulos considerados de fácil leitura, sentimentais, sem grande diversidade, repetindo enredos que são pouco desafiadores, mas atrativos para as participantes, como aqueles que abordam conflitos familiares, casamento e decepções amorosas. Essas escolhas, vistas como conservadoras, reforçam a ideia de que alguns clubes não instigam o pensamento crítico nem questionam

estereótipos de gênero. Nesse ponto, a concepção de que os clubes podem ampliar a noção de mundo, desconstruir preconceitos e aumentar a empatia com o diferente ficaria comprometida. Eles serviriam apenas como um espaço de identificação pessoal e coletiva, provocando bem-estar entre aqueles que se reconhecem nos livros.

Por esses clubes apresentarem certa homogeneidade de gênero e classe social, Barstow (2013, p. 12) não observou, em suas pesquisas de campo, uma grande variedade de interpretações sobre as obras, mas o reforço de opiniões pré-existentes. Contudo, devemos estar atentos para não desconsiderar atos, ainda que mínimos e discretos, de resignificação e resistência nos mais diversos modelos de clube nem limitar os leitores a apenas uma variável de suas identidades. Como bem aponta Chartier (1995, p. 3-4), as obras só adquirem sentidos a partir da tríade texto – suporte – apropriação. Se o texto e o suporte impõem limites à interpretação, subsiste a possibilidade de múltiplas leituras, inclusive contestatórias.

Janice Radway (1987) conseguiu verificar, por exemplo, como a leitura de romances sentimentais por um grupo de mulheres as ajudou a exprimir algumas de suas insatisfações conjugais e defender a necessidade de um maior tempo para o lazer individual, longe dos compromissos familiares, gerando um sentimento de liberdade e empoderamento, ao mesmo tempo em que essas obras contribuíam para que elas justificassem a dependência feminina e relevassem a violência do herói. O que parece uma contradição, uma interpretação de difícil entendimento, era, para elas, uma forma de apropriação do texto a partir de suas experiências pessoais.

Como os debates partem do conteúdo do livro, os integrantes precisam realizar um esforço de rememoração para responder sobre as personagens, suas características, contexto e relações; um trabalho de síntese para ser capaz de elencar os temas principais e momentos chaves da narrativa, além de desenvolver uma crítica para julgar a história, relacionando-a, na maioria das vezes, a experiências pessoais (BURGOS; EVANS; BUCH, 1996, p. 54). Em alguns clubes, esse processo dura apenas alguns minutos, logo abrindo espaço para discussões aleatórias. Em outros, é esmiuçado ao longo de horas.

De um modo ou de outro, seus membros necessitam realizar uma leitura cuidadosa para se tornarem aptos a explicá-la a outros assim como para propor reflexões.

O outro, que também realizou a leitura, é exposto a opiniões que ele pode sequer ter considerado, estimulando-o a rever e questionar suas interpretações. As diferentes leituras incitam o debate, sendo possível, a partir da confrontação de diferentes pensamentos, o surgimento de uma análise não cogitada antecipadamente por nenhum dos membros. Para introduzir ou justificar um comentário, trechos do texto podem ser lidos em voz alta. Todos esses estímulos, que exigem resposta rápida e certo domínio do conteúdo, contribuem para que a obra seja mais facilmente lembrada do que quando ela não é lida de forma colaborativa (BURGOS; EVANS; BUCH, 1996, p. 54).

### **3 CLUBES ESCOLARES E DISCIPLINAS LITERÁRIAS**

Os benefícios dos clubes podem ser um atrativo para jovens que se preparam para o vestibular e demais exames que exigem conhecimento literário. Ler para compartilhar pode ser um exercício mnemônico muito mais eficaz do que decorar esquemas de apostilas. Em 1987, na escola estadual Nilo Peçanha, em Niterói – RJ, a professora aposentada da Universidade Federal Fluminense, Luzia de Maria Rodrigues Reis, desenvolveu uma espécie de clube de leitura com alunos do segundo ano do Ensino Médio quando era professora de português no local. Ao invés de ensinar morfologia, sintaxe e semântica a partir de livros didáticos, os alunos deveriam ler um número mínimo de obras literárias por bimestre, discuti-los e escrever relatórios. Inicialmente, houve resistência de alunos que não estavam acostumados à quantidade de leituras exigidas ou desconfiavam do método de ensino. No entanto, logo a prática fez sucesso e eles acabaram lendo dezenas de livros ao longo do ano, sobretudo literatura brasileira e latino-americana. O impacto dessa proposta na vida daqueles jovens permitiu que, em 2009, ou seja, mais de 20 anos depois, a autora conseguisse que eles a relatassem, para a publicação de um livro, como o clube de leitura influenciou suas vidas: a

maioria se transformou em profissionais bem sucedidos, muitos com mestrado e doutorado, manteve, ainda que em menor grau, o hábito da leitura e incentivava o mesmo para os filhos (MARIA, 2016). Segundo a autora,

A leitura aproxima as pessoas, conclama-as ao diálogo, oferece provisões, palavras e mais palavras, instigações, sentidos novos e cambiantes, promovendo interação. Quanto nos agrada, como leitores, falar do livro que acabamos de ler! Como nos avassala o impulso de querer que todos os amigos leiam! (MARIA, 2016, p. 60).

Em contrapartida, se podemos mostrar um caso de sucesso de clube formado por jovens, devemos lembrar que estamos no domínio da exceção, que a faixa etária média dos grupos é muito maior e que há razões bastante específicas para o seu funcionamento em uma escola pública de Niterói. O clube não se formou em razão do interesse dos adolescentes pela leitura. Ele era uma atividade obrigatória para a conclusão do Ensino Médio. Não é impossível que alguns alunos tenham participado contra a sua vontade e que não leriam se não precisassem ganhar uma nota para serem aprovados em português. O prazer pela leitura pode ser, como vimos, uma descoberta, mas o projeto não surgiu do interesse genuíno desses jovens.

Esse é um dos problemas enfrentados pelos clubes escolares, que podem parecer, para alguns de seus membros, uma atividade tediosa como qualquer outra disciplina obrigatória. Os clubes criados por amantes da literatura, que sentem prazer em ler regularmente para, a posteriori, se reunir em um bate-papo, possuem um perfil bastante diferente. Nesse sentido, permanece a pergunta: como transformar a ideia do clube de leitura atraente para jovens e demais grupos sub-representados?

Em relação aos jovens, uma hipótese que precisaria ser confirmada é que essa sociabilidade literária, ou seja, o prazer de se reunir para conversar sobre livros, não é tão sedutora, pois esses adolescentes já estão, a todo o momento, estabelecendo relacionamentos sociais no ambiente escolar, formando grupos de interesse, criando condições para uma vida social movimentada. Por outro lado, pessoas com mais de 40 anos, com a carreira profissional estabilizada, tendem a ter menos oportunidades para fazer novos amigos e instituir círculos de amizade com base em interesses comuns, sendo



o clube do livro uma opção de interação social. Não é raro encontrar na bibliografia que citamos o relato de pessoas que passaram a integrar um clube depois de mudarem de cidade e perderem os antigos contatos sociais, aposentados e desempregados que procuram um maior contato humano ou simples apaixonados pela literatura que sentem necessidade de falar sobre as obras que leram.

Segundo Leveratto e Leontsini (2008, p. 37), os clubes oferecem uma situação de troca verbal; um momento de lazer pelo compartilhamento de experiências geradas pelo mesmo objeto cultural e uma ocasião para a aproximação voluntária entre pessoas desconhecidas, mas com interesses em comum; criando condições para o surgimento de grupos estáveis e, geralmente, com certa homogeneidade. A sociabilidade está atrelada ao engajamento dos integrantes do clube, sendo que a falta de regularidade nos encontros ou o pouco tempo destinado à discussão da obra irá dificultar a instauração de vínculos sólidos. Nesse sentido, a semelhança dos perfis dos participantes apresenta ao menos um aspecto positivo e outro negativo. Por um lado, favorece amizades e reforça o sentimento de pertencimento. Por outro, não coloca os leitores em contato com uma grande diversidade de perfis, o que poderia enriquecer a análise das obras e posterior debate.

Em um clube regular, os seus participantes não devem apenas ler as obras escolhidas, mas dedicar-se a inúmeros compromissos: comparecer aos encontros marcados, na maioria das vezes, a cada 30 dias; ler um ou mais livros em um prazo pré-determinado; expressar-se em público, muitas vezes sobre questões íntimas ou delicadas; estar disposto a escutar o outro; ter tolerância com diferentes opiniões, algumas totalmente contrárias aos seus valores (LEVERATTO; LEONTSINI, 2008, p. 70-71). Na maioria dos casos, algum investimento financeiro também é exigido, como para a compra de livros e locomoção até as reuniões. O gosto pela leitura não é, portanto, por si só, suficiente para a participação em um clube. Se assim fosse, haveria muitos mais deles em todo o mundo. Ele exige um maior engajamento, com certeza aliado à disponibilidade de tempo, mas, principalmente, à crença de que a leitura compartilhada dispõe de vantagens que compensam esse esforço, seja

para o estudo, para o lazer ou mesmo para aspectos mais subjetivos, como antídoto à solidão ou exercício para diminuir a timidez de falar em público.

Um mediador se apresenta como um elemento para facilitar e incentivar a interação de forma dirigida. Contra a dispersão, ele pode intervir com perguntas e comentários que retomam o foco do debate para o livro. Ele também pode apresentar informações complementares sobre a obra ou sugerir pontos de análise que conduzirão as falas. Barstow (2013, p. 13) faz um paralelo entre um mediador de clube de leitura e o professor universitário de literatura. Em uma aula, o professor pode incentivar os alunos a apresentar as mais diversas opiniões sobre um texto, comentando-as ou acrescentando as suas próprias. Ele também relaciona um livro com outras obras, realizando análises comparativas. Como as disciplinas universitárias possuem um programa com certos objetivos e os alunos serão avaliados ao final do semestre, as aulas não são elaboradas isoladamente, mas todos os livros se relacionam em torno de um eixo. Em uma disciplina, os alunos não irão apenas discutir as características das personagens ou o final da história, mas devem interpretar a obra a partir do período de sua escrita, do estilo do autor, da linguagem e relacioná-la com a bibliografia do semestre. Um professor, por já ter lido as obras ou conhecer os temas que elas abordam, tem condições de orientar o grupo.

[...] um curso sobre escritoras afro-americanas, por exemplo, irá focar em questões de intertextualidade e influência, temas comuns e imagens, assim como raça e gênero. Grupos de leitura, entretanto, raramente fazem comparações e conexões entre textos; a leitura permanece um exercício discreto. Disciplinas universitárias exigem um trabalho final e prova; grupos de leitura recomeçam a cada sessão (BARSTOW, 2013, p. 7, tradução nossa).

É esse modelo, dirigido por um professor, o adotado em escolas, já que dificilmente um grupo de adolescentes assume, de maneira autônoma, todos os compromissos elencados e ainda consegue convencer os seus colegas de classe a aderir à ideia. Um professor ou mediador pode trazer segurança, indicar ou pré-selecionar livros, cobrar assiduidade etc. Porém, o clube corre o risco de se transformar em uma aula como as demais, não proporcionando o

prazer de um clube que não exige relatórios, resenhas e uma prova. Uma das críticas mais comuns aos clubes de mulheres é que eles não se aprofundam na leitura. Porém, pouco se valoriza o prazer que a leitura relativamente descompromissada provoca. Ler porque faz bem, é prazeroso e gera empatia é visto como uma leitura inferior àquela que estuda a estrutura do texto e os efeitos de linguagem. Entretanto, se não existe uma única leitura possível, é legítimo que os livros sejam buscados simplesmente porque oferecem um momento de lazer. Os interesses e anseios dos integrantes dos clubes e das disciplinas universitárias podem ser bastante diferentes. Se em uma disciplina as análises são mais complexas, o clube tem potencial de ser mais democrático e espontâneo.

A pouca diversidade de perfis também pode ser positiva em determinados contextos. Muitas pessoas procuram os clubes para fazer amizades, estabelecer novas relações, se abrir sobre questões que afetam o seu cotidiano. Poder encontrar pessoas com gostos parecidos, de uma mesma faixa etária, classe social e gênero garante uma maior segurança para que elas exponham seus sentimentos em público.

#### **4 CLUBES ONLINE E TELEVISIVOS**

A Internet, por não exigir o deslocamento físico, forjar uma maior privacidade e facilitar o contato entre perfis similares espalhados pelo mundo, torna-se uma opção para a leitura compartilhada. Ao comparar clubes físicos e online, Sedo (2002, p. 16) observa que entre os que frequentam as duas opções, há aqueles que preferem a versão online por permitir um maior controle de tempo e por visualizar uma maior diversidade de opiniões em relação aos grupos formados por pessoas da mesma cidade ou região. Se o objetivo é conhecer livros e receber sugestões, encontrar leitores de locais distantes é bastante enriquecedor. Ainda assim, compreendemos que o contato físico e regular é o que mais facilita laços de amizade duradouros, sendo o escolhido entre aqueles que preferem um maior vínculo emocional entre os integrantes.

Mais impessoal do que a Internet é o clube de leitura de programa de televisão. O exemplo de maior sucesso é o clube da apresentadora Oprah Winfrey, que existiu entre 1996 e 2011 nos Estados Unidos. O clube consistia na escolha de um título pela apresentadora. A audiência deveria lê-lo em um mês para depois assistir a discussão da obra, muitas vezes com a presença do autor, quando vivo e aceitava o convite. A frequência não era regular, passando meses entre uma indicação e outra. Em alguns anos, como em 2002, 2003 e 2005, apenas dois livros foram indicados. Em todo o período, foram lidas 70 obras.

Esse clube foi alvo de diversos estudos em razão do impacto que teve no comércio de livros nos Estados Unidos (SEDO, 2002). A indicação de um livro permitia que ele alcançasse o topo das vendas em poucas horas, gerando o chamado “efeito Oprah”. A seleção mesclava autores reconhecidos, como Toni Morrison, Tolstói e William Faulkner, com best-sellers voltados para as massas. Se, para alguns, a iniciativa de Oprah apontava como a televisão e outros meios de comunicação podem ser aliados da leitura, alguns críticos lamentavam o aspecto emocional das discussões, que refletiam mais sobre sentimentos e experiências pessoais do que sobre as características do texto. Para Scott Stossel, editor da revista literária *The Atlantic*, ao comentar o episódio sobre a leitura de *As correções*, de Jonathan Franzen,

Há algo tão implacavelmente terapêutico, tão conscientemente de autoajuda no clube do livro que ele parece antiético para discussões sobre literatura séria. A literatura deve perturbar a mente e os sentidos; ela pode ser paliativa, mas não para ser fácil, tranquilizante como Oprah propõe (MINZESHEIMER, 2011, tradução nossa).

Embora a crítica seja válida, ela não atrela as supostas fragilidades desse clube com as suas especificidades. Por ser um clube televisivo, não há interação entre os participantes; eles sequer se conhecem. São milhões de leitores lendo o mesmo livro, mas sem condições de falar entre si. Como exigir uma maior profundidade das discussões quando há espaço apenas para a opinião da apresentadora e, em alguns casos, do autor? A mediação é indireta e, mesmo quando há um retorno do público por meio das redes sociais, telefonemas etc., ela não permite o desenvolvimento de uma conversa sobre a obra. Partindo da

definição de clube que adotamos, a própria noção de clube da Oprah é relativa, pois não há, de fato, uma reunião de leitores para compartilhar impressões. Em 2012, a apresentadora lançou o Clube de Leitura da Oprah 2.0, que é focado no uso de mídias digitais, como Facebook e Twitter, para a discussão das obras, mas a maior parte das limitações citadas persiste.

Mesmo que as interações sejam mais esparsas do que em clubes online, os clubes físicos facilitam o desenvolvimento de amizades. É comum encontrar participantes que comparam o encontro a uma reunião na cafeteria, um piquenique ou um lanche entre amigos, bem diferente de uma aula universitária ou programa de televisão (BURGOS; EVANS; BUCH, 1996; LEVERATTO; LEONTSINI, 2008). Esses leitores que reservam algumas horas todo mês para sair de casa e encontrar-se com demais leitores estão bastante dispostos a criar laços sociais. Ainda que a leitura do livro seja solitária, ela é feita na expectativa de dividir sensações, dificuldades, comparações. Assim, o compromisso estabelecido afeta a leitura individual feita fora do grupo, exigindo que o leitor se prepare com antecedência para a exposição pública, não apenas por meio da escrita, como nos clubes online, mas pela fala e gestos.

Os clubes online não deixam de ter as suas vantagens, como a possibilidade de interação frequente, rápida e simples via redes sociais e portais da Internet; o estímulo à escrita, pois é o principal meio de comunicação online, e o menor investimento financeiro e de tempo, já que não exige deslocamento nem determina a reserva de algumas horas para o encontro mensal. Muitos desses clubes estabelecem um cronograma de leitura, com trechos que devem ser finalizados a cada semana para que comentários possam ser compartilhados. Porém, a participação tende a ser mais aleatória, alternando o número de participantes, e menos engajada.

## **5 ROTEIROS PARA LEITURAS COMPARTILHADAS**

Ao longo do texto, apontamos o conflito existente entre aqueles que valorizam a ideia de um clube que realiza uma análise crítica da obra e os que preferem a concentração de esforços para despertar ou reforçar o prazer da

leitura. No entanto, uma possibilidade não exclui a outra e um mesmo clube tem condições de discutir tanto questões estruturais e formais do livro como relacioná-lo a experiências pessoais dos participantes. Michaud (2003, p. 28) apresenta dois tipos de leitura que podem ser incentivados e coexistir em um clube: a leitura participativa, que é uma leitura passional, que busca vincular o texto com a vida do leitor e seus sentimentos; e a leitura distanciada, que pretende analisar o texto em seus aspectos linguísticos, sociais e históricos.

A leitura participativa permite ao leitor se evadir dos problemas cotidianos, imaginar outras vivências e sentir prazer na leitura. Por ser uma leitura afetiva, ela é íntima e pessoal, uma projeção do indivíduo nas características e ações das personagens, causando identificação ou repulsa. Assim, a ficção pode servir como um aprendizado sobre a vida, as possíveis consequências de um determinado ato ou oferecer ideias a serem adotadas no cotidiano. Já a leitura distanciada não vê o texto como um reflexo da realidade, mas um objeto construído com a intenção de causar determinado efeito no leitor. Nessa perspectiva, ela permite observar a construção dos estereótipos das personagens, o estilo e influências do autor, a relação com outras obras e os elementos para textuais (MICHAUD, 2003, p. 39-43).

Os dois modos de apreensão, a leitura participativa e a leitura distanciada, alimentam o processo da leitura literária. Uma alimenta a outra; elas se enriquecem mutuamente e se complementam. O leitor exerce assim, necessariamente, um vai e vem entre as duas. Esses dois modos, essenciais para a leitura literária, se revelam geradores de prazeres, seja aqueles do afeto como do intelecto (MICHAUD, 2003, p. 61, tradução nossa).

Michaud (2003) propõe um roteiro para clubes que desejam conciliar esses dois tipos de leitura. Desse modo, quando há um moderador, ele pode segui-lo para aproveitar o livro em suas mais variadas facetas. Como a autora tem por objetivo orientar um clube de leitura para crianças entre 9 e 12 anos, suas sugestões consideram as especificidades desta faixa etária. Entretanto, como o nosso objeto é o clube formado por adultos, mantemos a estrutura do seu roteiro, mas adaptamos as atividades de cada etapa para uma leitura mais autônoma e aprofundada. Em sua proposta, a reunião deve iniciar pela leitura participativa para só depois abrir espaço para discussões mais formais.

Primeiramente, Michaud sugere que o grupo comece por discutir o investimento pessoal do leitor, ou seja, o que ele esperava da obra, as emoções que ela causou, o que mais o marcou, se a leitura foi válida, se ele conseguiu terminá-la, enfim, a relação que o leitor estabeleceu com o livro, suas impressões iniciais, podendo incluir sua opinião sobre a materialidade da obra: a capa, a qualidade do papel, o tamanho da fonte etc.

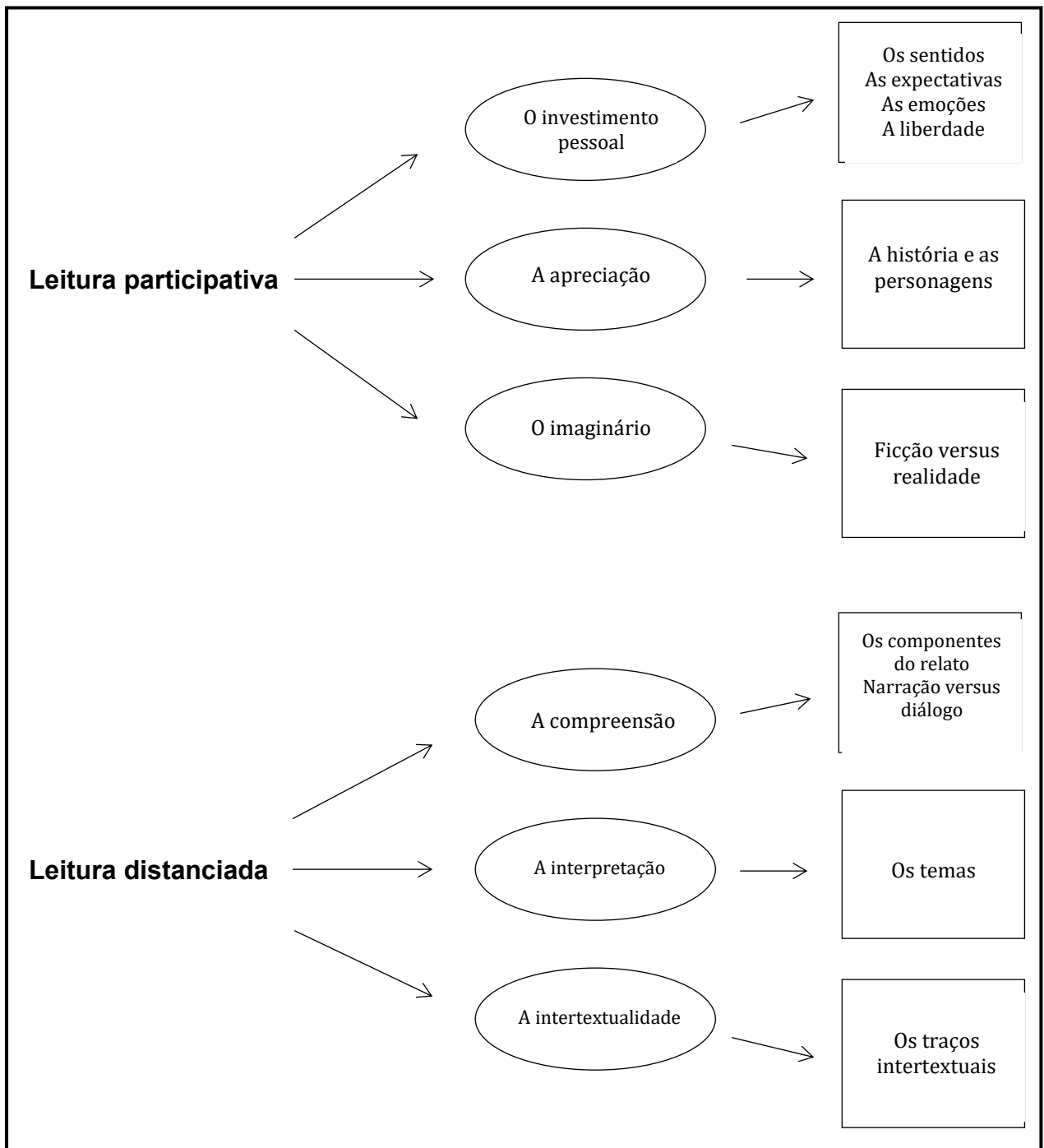
Após esse início, a discussão deve partir para a apreciação da história e das suas personagens: como ela se desenvolve, os conflitos existentes, a descrição e a opinião sobre as características das personagens. Em seguida, relaciona-se a ficção com a realidade, abordando o imaginário que ela construiu e a possibilidade de conectá-lo às vivências e expectativas de cada um. Seguindo esse roteiro, as condições para uma leitura participativa serão, na visão da autora, alcançadas.

Contudo, Michaud vai além e propõe que, após a leitura participativa, o clube invista na leitura distanciada, focando na compreensão da estrutura do texto: se ele está escrito em primeira ou terceira pessoa, se há muitos diálogos ou narração, o vocabulário empregado, o tempo verbal, a divisão em capítulos e seus títulos, os ambientes construídos para o desenvolvimento da história, a relação que o autor estabelece entre fatos históricos e ficção, o modo de iniciar e finalizar a narrativa etc.

Com base nessa análise, os leitores estarão mais aptos a interpretar o enredo do livro, apontando e discutindo o tema central a partir da abordagem privilegiada pelo autor. Nesse momento, não cabe ao clube mostrar qual a mensagem que o autor pretendeu transmitir, pois, como as múltiplas leituras comprovam, não há uma única interpretação possível, mas pensar a variedade de sentidos que o texto possibilita a partir do modo como o tema foi desenvolvido pelo autor.

Por fim, considera-se a intertextualidade da obra, relacionando-a a outros textos, seja do mesmo autor como de terceiros. Nesse momento, a eficiência da análise intertextual dependerá das leituras prévias dos participantes. Porém, mesmo que a bagagem literária não seja grande, as ligações podem ser feitas com as obras já lidas pelo clube, contribuindo para que todos tenham condições de complementar ou fazer um comentário.

**Figura 1** - Os modos de leitura literária com seus componentes e categorias essenciais em um clube de leitura com orientação literária



**Fonte:** Michaud (2003, p. 78, tradução e adaptação nossa).

Cosson (2014) também buscou esquematizar as diferentes leituras que podem ser adotadas em um clube. Para o autor, a leitura literária se divide em três eixos: contexto, texto e intertexto. Dentro do contexto, realiza-se a leitura de contexto-autor, que relaciona a vida do autor com a obra. Nesse caso,



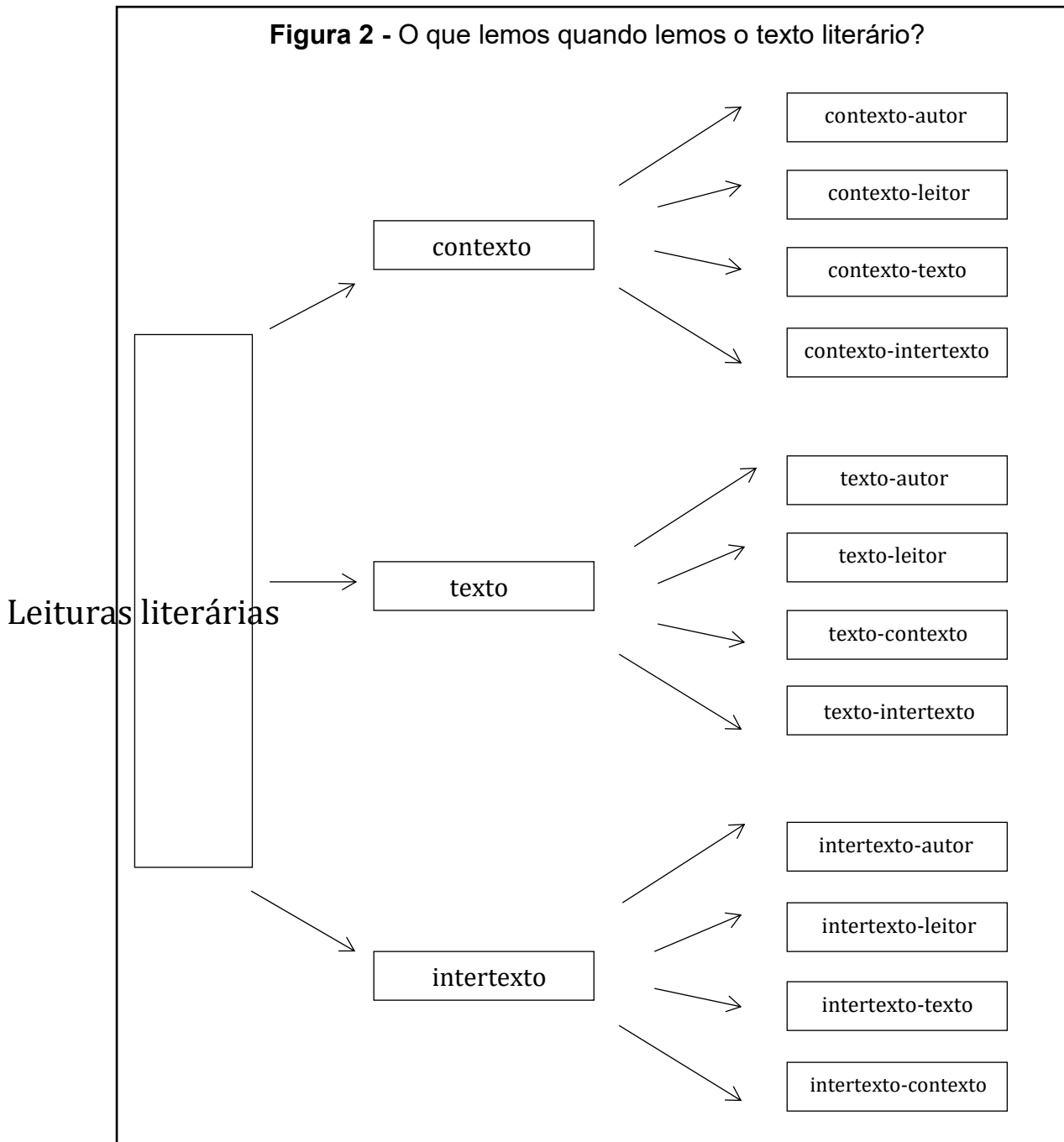
busca-se interpretar a história a partir do que se sabe sobre a biografia do autor. Já na leitura do contexto-leitor, intenta-se vincular a obra à vida do leitor, identificando semelhanças, relações e experiências que geram empatia em quem está lendo. Como apontamos, é um tipo de leitura comum em clubes. A leitura do contexto-texto, por outro lado, é bem mais restritiva, sendo mais frequente entre leitores de obras religiosas. Nesse tipo de leitura, o leitor procura confirmar no texto aquilo que já é dado pelo contexto. Assim, ele não espera ser surpreendido pelo livro; mas que ele reforce as suas crenças. Por último, na leitura do contexto-intertexto, o leitor ou o clube usa o texto para discutir questões sociais, fazendo uma reflexão sobre o país, a cultura, estratos da população etc. É um dos modos mais atraentes de leitura, especialmente em escolas, pois permite atualizar o enredo e ligá-lo à realidade vivida pelos leitores (COSSON, 2014, p. 72-75).

Em todos os quatro modos de leitura do contexto, o risco é sempre o abandono do texto em favor do contexto, passando toda a discussão da obra para elementos que a acompanham, informam e localizam na cultura. A riqueza desses modos de ler é ver no contexto um espaço de interação entre leitor e obra, compreendendo que obra e contexto dialogam entre si no processo de leitura e esse diálogo é essencial para a construção da rede de sentidos do texto (COSSON, 2014, p. 75).

Após o contexto, a atenção recai sobre o texto. A primeira leitura é a do texto-autor, que discute o estilo do autor e seus maneirismos. Em seguida, a leitura do texto-leitor permite abandonar a análise formal para envolver-se na trama a ponto de afetar-se emocionalmente; é uma leitura sensorial, na qual o leitor se deixa absorver pela trama, sem preocupação com categorias e estilos. Já a leitura do texto-contexto pretende considerar a materialidade da obra, que inclui da qualidade do papel, fontes e capa à existência de elementos paratextuais como introdução, notas e imagens. Posteriormente, a leitura do texto-intertexto volta-se para a linguagem da obra, identificando como a língua foi utilizada para criar uma estrutura linguística coerente (COSSON, 2014, p. 75-78).

O último eixo, o das leituras do intertexto, começa com a leitura do intertexto-autor, na qual o leitor verifica como o autor relaciona o seu texto a outras obras, sejam suas ou de outros autores. Nesse caso, observam-se quais

foram os apontamentos que o autor realizou para obras que ele leu ou considerou relevante para o seu argumento. Já a leitura do intertexto-leitor é quando o próprio leitor relaciona o livro com outras referências, revelando o seu capital literário. Encerrando essas possibilidades de leitura, a leitura do intertexto-contexto propõe identificar o gênero literário e o estilo nos quais a obra se encaixa (COSSON, 2014, p. 78-80).



Fonte: Cosson (2014, p. 72, adaptação nossa).

Não obstante bem abrangentes, esses roteiros são apenas exemplos. Em síntese, não há uma única fórmula e cada clube pode criar o seu próprio modelo a partir dos seus objetivos e características. O que esses exemplos mostram é que o clube tende a se enriquecer quando possui uma organização que permite diversos tipos de discussão e tem menores chances de se afastar do foco principal que é a obra. Em contrapartida, deve existir um cuidado para que o roteiro não engesse as reuniões a ponto de desestimular opiniões não relacionadas diretamente à obra, mas que podem ser válidas em determinadas situações. Seja para seguir um roteiro como para abandoná-lo em certos momentos, a presença de um mediador se revela extremamente importante.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O crescimento do número de clubes de leitura no Brasil nos últimos anos demanda a realização de discussões além do simples elogio ao incentivo à leitura. A experiência observada em outros países aponta que os clubes têm dificuldades para atrair uma ampla variedade de perfis de leitores e que muitas reuniões pouco discutem o livro selecionado, fugindo para temas do cotidiano. Por outro lado, clubes sediados em escolas ou universidades, embora analisem as obras de forma mais detalhada, podem, em muitos casos, apresentar uma estrutura muito rígida que os assemelham a disciplinas obrigatórias, não sendo tão eficazes na geração de prazer literário.

Praticamente não há bibliografia sobre o papel do mediador em um clube de leitura, mas sua figura parece relevante quando alguém precisa ordenar as falas, estimular interações ou fazer os integrantes respeitarem um roteiro, como os que apresentamos. Se alguns clubes são criticados por escolher obras pouco complexas e sentimentais, a influência do mediador deveria ser mais bem debatida. Em nosso caso, apoiamos a sua existência por acreditar que a diversidade de leituras possíveis de serem realizadas e os anseios pessoais de cada participante exigem a presença de um indivíduo que coordene a dinâmica das intervenções.

Após opor leitura participativa e distanciada, defendemos que elas podem e devem coexistir em um clube, complementando-se. Porém, para que elas coexistam, sugerimos que haja um compromisso do grupo com a abordagem de determinados tópicos, pois, em clubes sem nenhum roteiro, há uma forte tendência da discussão da obra ser deixada de lado em boa parte do tempo destinado à sua apreciação.

Observamos certo despropósito nas críticas contra clubes que preferem realizar apenas uma leitura participativa, utilizando a literatura como gatilho para discutir sentimentos e experiências individuais. Ainda que reconheçamos que essa escolha limite as possibilidades de interpretação e crítica, entendemos como legítimo esse uso da literatura por ser positiva aos indivíduos que a privilegiam e, de um modo geral, à prática de leitura. O uso quase terapêutico da literatura é mais uma das suas qualidades e não um defeito.

O desafio dos clubes que desejam realizar diferentes tipos de leitura é conciliar a densidade de alguns textos, que podem exigir um esforço significativo de participantes sem um grande capital cultural, com o prazer que a leitura deve provocar, sobretudo em grupos que não se encontram, preferencialmente, para estudo, mas para viver um momento de sociabilidade literária.

## REFERÊNCIAS

ALBENGA, V. “Devenir soi-même” para la lecture collective: une approche anti-individualiste. **Culture & Musées**, v. 17, n. 1, p. 85-106, 2011a. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/pumus\\_1766-2923\\_2011\\_num\\_17\\_1\\_1598](http://www.persee.fr/doc/pumus_1766-2923_2011_num_17_1_1598)>. Acesso em: 23 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Stabiliser ou subvertir le genre? Les effets performatifs de la lecture. **Sociologie de l’Art** – OPuS, n. 17, p. 31-43, 2011b. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-sociologie-de-l-art-2011-2-page-31.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

ALBENGA, V.; BACHMANN, L. Appropriations des idées féministes et transformation de soi par la lecture. **Politex**: revue des sciences sociales du politique, v. 28, n. 109, p. 69-89, 2015. Disponível em: <<https://www.unige.ch/etudes->

genre/files/3314/4161/0697/Politix\_Albenga\_Bachmann\_Lecture.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2017.

BARSTOW, J. M. Reading in groups: women's clubs and college literature classes. **Publishing Research Quarterly**, v. 18, n. 4, p. 3-17, 2013. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s12109-003-0010-x>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

BURGOS, M.; EVANS, C.; BUCH, E. **Sociabilités du livre et communautés des lecteurs**: trois études sur la sociabilité du livre. Paris: Éditions de la Bibliothèque, 1996. Disponível em: <<http://books.openedition.org/bibpompidou/1802?lang=fr>>. Acesso em: 22 maio 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Retratos do Brasil aponta aumento de leitores no país**. 2016. Disponível em: <<http://prolivro.org.br>>. Acesso em: 22 maio de 2017.

CHARTIER, R. Textos, impressos, lecturas. **Revista de história**, São Paulo, n. 132, p. 83-94, jun. 1995. Disponível em: <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83091995000100008&script=sci\\_arttext#backa](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83091995000100008&script=sci_arttext#backa)>. Acesso em: 12 fev. 2017.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Clubes de leitura**: apresentação. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/clubes/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

HARTLEY, J. **The Reading groups book**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2002.

LEVERATTO, Jean-Marc; LEONTSINI, M. **Internet et la sociabilité littéraire**. Paris: Éditions de la Bibliothèque, 2008. Disponível em: <<http://books.openedition.org/bibpompidou/197>>. Acesso em: 22 maio 2017.

LONG, E. **Book clubs**: women and the uses of reading in everyday life. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

MARIA, L. de. **O clube do livro**: ser leitor, que diferença faz? 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

MICHAUD, S. **Conception d'un modèle de club de lecture d'été en bibliothèque publique, avec orientation littéraire, pour les enfants de 9 à 12 ans**. 2003. 158 f. Mémoire (Mestrado em Estudos Literários) – Université du Québec, Trois-Rivières, 2003.

MINZESHEIMER, B. How the 'Oprah Effect' changed publishing. **USA Today**, v. 22, 2011. Disponível em: <[http://usatoday30.usatoday.com/life/books/news/2011-05-22-Oprah-Winfrey-Book-Club\\_n.htm](http://usatoday30.usatoday.com/life/books/news/2011-05-22-Oprah-Winfrey-Book-Club_n.htm)>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PAIVA, T. Ler mais mulheres. **Carta Capital**, São Paulo, 20 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/ler-mais-mulheres/>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

PRUITT, J. Gay men's book clubs versus Wisconsin's public libraries: political perceptions in the absence of dialogue. **The Library Quarterly**, v. 80, n. 2, p. 121-141, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/651004>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

RADWAY, J. A. **Reading the romance: women, patriarchy, and popular culture**. London; New York: Verso, 1987.

REZENDE, D. Clube literário Leia Mulheres está em 26 cidades. **A Tarde**, Salvador, 07 maio 2016. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/cultura/literatura/noticias/1768493-clube-literario-leia-mulheres-esta-em-26-cidades>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SEDO, D. R. Predictions of life after Oprah: a glimpse at the power of book club readers. **Publishing Research Quarterly**, v. 18, n. 3, p. 11-22, 2002. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12109-002-0009-8?LI=true>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

## READING CLUBS: BETWEEN SOCIABILITY AND LITERARY CRITICISM

### ABSTRACT

**Introduction:** Brazil has gained several reading clubs in recent years, requiring more attention from academia to understand this phenomenon already popularized in North America and Europe. **Objective:** To discuss the main criticisms of reading clubs regarding the profile of their goers, the selection of books, the types of reading, the modes of interaction (presential or virtual) and the role of the mediator. **Methodology:** Through a literature review, the arguments for and against reading clubs are compared, especially in relation to the dominant model in the United States and Europe. **Results:** The different types of existing clubs (for adults, TV, educational, virtual, etc.) are presented and their main characteristics are pointed out. **Conclusions:** A club becomes more effective and attractive when it can reconcile the pleasure with the literary study. Therefore, the presence of a mediator and some type of script for discussion is advocated.

**Descriptors:** Reading club. Literary sociability. Mediation of reading

## CLUBES DE LECTURA: ENTRE LA SOCIABILIDAD Y LA CRÍTICA LITERARIA

### RESUMEN

**Introducción:** Brasil ha ganado varios clubes de lectura en los últimos años, lo que requiere más atención de la academia para comprender ese fenómeno ya popularizado en América del Norte y Europa. **Objetivo:** Se pretende discutir las principales críticas a los clubes de lectura en relación con el perfil de sus participantes, a la selección de libros, a los tipos de lectura, a los modos de interacción (presencial o virtual) y al papel de mediador. **Metodología:** Por medio de una revisión de la literatura, se comparan los argumentos a favor y en contra a los clubes de lectura, especialmente en relación con el modelo dominante en los Estados Unidos y Europa. **Resultados:** Se presentan los diferentes tipos de clubes (para adultos, estudiantes, televisivo, virtual, etc.) y se apuntan sus principales características. **Conclusiones:** Un club se torna más eficaz y atractivo cuando se puede mezclar el placer con los estudios literarios. Para tanto, defiende la presencia de un mediador y algún tipo de guión para la discusión.

**Descriptores:** Club de lectura. Sociabilidad literaria. Mediación de lectura.